

A PALAVRA É SUA

ESTAMOS VIVENDO UMA CIVILIZAÇÃO DO LAZER?

Antonio Carlos Bramante
Universidade Estadual de Campinas

Pelo menos nos últimos vinte anos, vários autores têm se debruçado sobre o tema deste artigo, indicando que estamos caminhando para uma sociedade sob a ética do lazer (Sessions, 1984; Chubb e Chubb, 1983; Marinho, 1979; Gaelzer, 1979 e outros). Na maioria das vezes, essa afirmação está baseada em diversos fatores da realidade atual, tais como: (1) o avanço tecnológico; (2) o crescente processo de urbanização; (3) as mudanças nos valores e atitudes pessoais; (4) o aumento da renda individual para o uso discricionário; (5) a redução do trabalho mais pesado fisicamente; (6) a redução da jornada de trabalho; (7) o aumento da produtividade; (8) o surgimento de aparelhos e equipamentos que, direta e/ou indiretamente, têm reduzido a carga de trabalho; (9) o aumento do acesso de oportunidades à prática de atividades de lazer, etc.

Essa postura de direcionamento para uma ética do lazer vem, no entanto, sendo contestada por um grande número de estudiosos do assunto. Para Goodale (1980), o termo "lazer" se tornou moda e é usado indiscriminadamente, sendo mais fácil controlá-lo em publicações de toda a sorte do que em nossas vidas.

A idéia de que a nossa sociedade está se tornando cada vez mais voltada para o espírito lúdico, característico do jogo, é igualmente contestada. A obra "Homo Ludens", de Huizinga (1972), apresenta claramente as variáveis intervenientes do jogo, demonstrando

que estamos muito longe de atingir esse estágio. De acordo com esse autor, o conceito de jogo deve possuir características próprias, tais como: (1) comportamento voluntário; (2) estar fora da rotina diária, contando com elementos de sigilo, disfarce e exagero; (3) limitado e circunscrito em termos de tempo e espaço; (4) não é sério, muito embora absorva o jogador intensamente; (5) compelido a um certo número de regras; (6) promove a formação de grupos sociais; (7) está fora do racional; (8) é desinteressado, com finalidade em si próprio; (9) possui componentes da prática ritual, e (10) o resultado é normalmente incerto: sorte e destino são alguns de seus elementos importantes.

Huizinga vai ainda mais além, explorando o conceito de jogo nas várias dimensões e demonstrando a sua universalidade, a qual tem sobrevivido através dos tempos, nas mais variadas partes do mundo. Vale destacar o paralelo traçado pelo autor entre o jogo e a lei e o jogo e a guerra, demonstrando como essas ações estão interrelacionadas. Finalmente, o autor faz lembrar que, na medida em que o jogo começa a preencher determinados objetivos, o mesmo perde seus valores básicos. A decadência das civilizações tem sido associada ao julgamento inadequado das funções do verdadeiro jogo. Do império romano, com o famoso adágio "panis et circenses", até os nossos dias, com o aumento gradativo da sistematização e regulamentação daquilo que se denomina "jogo", a

* Palestra apresentada no XVII Simpósio Internacional de Ciências do Esporte - maio 1990.

qualidade da experiência, no seu sentido mais puro, está sendo, inevitavelmente, perdida.

Provavelmente Huizinga diria que o conceito de jogo em nossos dias pode ser visto somente entre as crianças e em apenas algumas circunstâncias.

Pieper (1962) é outro autor que contra diz a idéia do aumento de lazer em nossas vidas dentro da sociedade moderna desenvolvida. Para ele, o lazer é uma atitude da mente e uma condição da alma que fomenta a capacidade de perceber a realidade do mundo. Sua premissa básica é que a cultura depende, em sua própria existência do lazer, e este por sua vez, não se concretiza, a menos que seja através de uma duradoura e viva ligação com o "cultus", isto é, com o culto divino.

De acordo com Pieper, o culto preenche o ritual do sacrifício público e é a fonte principal de liberdade, independência e imunidade do ser humano dentro da sociedade. Portanto, o lazer é a celebração da vida e do culto divino. O autor critica duramente o pensamento lógico-positivista kantiniano que comanda o mundo de hoje. Citando São Tomás de Aquino, enfatiza que o verdadeiro conhecimento é somente conseguido através das artes liberais. Aqueles que se preocupam única e exclusivamente com os fins utilitários conseguidos através de uma atividade são denominados "trabalhadores servis". Portanto, nós não vivemos para trabalhar, como inicialmente propôs Weber, mas sim trabalhamos para ter o lazer.

Outro conceito importante apresentado por Pieper é a idéia do proletariado, que é inteiramente dependente do trabalho. O processo de "desproletarização" de um grande segmento da sociedade envolveria, necessariamente, a previsão de um soldo razoável, de forma que todos pudessem possuir a sua propriedade para morar, reduzindo - se o poder do Estado, para finalmente superar o empobrecimento dos indivíduos.

Com esses pensamentos, Pieper nos apresenta uma clara evidência de que não estamos desfrutando de uma sociedade sob a ética do lazer.

Provavelmente o conjunto de idéias de maior impacto a nível filosófico, neste século, abordando esse assunto, foi apresentado no monumental trabalho de Sebastian

De Grazia (1962): "Do Tempo, Trabalho e Lazer". Esse clássico dessa área de estudos propõe uma definição de lazer que, uma vez aceita, comprova que estamos muito longe de viver em uma sociedade do lazer: "Lazer é liberdade da necessidade de estar ocupado... mais do que uma idéia, lazer é um ideal de vida".

Para chegar a essa conclusão, De Grazia examinou de forma minuciosa toda evolução histórica da sociedade. Ele partiu do ideal grego de vida - a vida em lazer - que começou a perder terreno com o aparecimento da filosofia realista romana (meio para se atingir um fim, através de uma abordagem utilitária da realidade). Do período medieval, com a transformação da natureza, segue-se o período renascentista, no qual o conceito de "vita contemplativa" passa para o de "vita activa". Durante o período reformista os valores do trabalho são incorporados pela sociedade, agravando-se essa realidade durante a revolução industrial. Mais recentemente, o processo de automação e o advento da informática fizeram com que o significado clássico de lazer perdesse de vez a sua essência.

O autor nos faz lembrar ainda que a atual ilusão que temos "mais lazer" representa, quando muito, um aumento do "tempo livre". Mesmo esse "tempo livre" tem sido cada vez mais consumido como deslocamento para o trabalho, com as práticas do "bricolage" ("faça você mesmo") a manutenção dos bens adquiridos de forma crescente, quando não pela necessidade de um segundo ou terceiro trabalho para a sobrevivência...

Outro assunto abordado por De Grazia que, de imediato, enseja controvérsia é a sua afirmação que democracia e a chamada "classe ociosa" de Veblen não se coadunam. A busca da equidade e a ênfase no valor da realização pessoal pelo trabalho, próprios do sistema democrático-capitalista, tendem apenas a elevar alguém do nível mais baixo para o patamar da mediocridade.

Como observação final do trabalho de De Grazia, vale mencionar o impacto da máquina no ser humano, muito em particular o relógio. De acordo com o autor, para transformar "tempo livre" em lazer, o indivíduo tem de se livrar do relógio... Tal proposta invalida qualquer mudança em nossa sociedade que sobrevive na dependência

cada vez maior da pontualidade (dificilmente ficamos em um ambiente onde não haja um relógio à vista...).

Dentro dessa mesma linha de pensamento, relacionando o conceito de lazer com a dimensão de tempo, Linder (1970) apresenta vários pontos para reflexão. O autor classifica a sociedade em três tipos de culturas, tendo, como ponto de referência, a utilização do tempo para determinar o seu grau de desenvolvimento:

1. "Excesso de Tempo": representado pelos países economicamente mais pobres, aqueles que experimentam períodos de depressão sócio-econômica, ou mesmo para indivíduos com determinadas limitações, sejam elas físicas ou psíquicas;
2. "Afluência de Tempo": própria da maioria dos países em vias de desenvolvimento ou algumas culturas recentemente desenvolvidas, e
3. "Escassez de Tempo": comum para a maioria dos países do chamado "primeiro mundo" onde as vidas estão sob a tirania do relógio.

O ponto fundamental de Linder é que, na medida em que há um aumento de ganho salarial, a demanda por um rendimento maior no uso do tempo aumenta. Esse conceito possui um impacto crucial na pretensão sociedade sob a ética do lazer: cada vez mais o conceito de eficiência, anteriormente atribuída ao trabalho, é absorvido para dentro da experiência de lazer. Isto significa que, para aumentar esse rendimento em termos de tempo dedicado ao lazer, observa-se um consumo simultâneo de bens e serviços, utilizando-se equipamentos sofisticados e alternativas criativas. O conceito de "aprofundamento do tempo", proposto por Godbey (1985), é visto em prática constantemente, onde duas ou mais atividades de lazer são consumidas dentro de uma só dimensão de tempo. Exemplo: tomar o café da manhã lendo um jornal com o rádio ligado. A qualidade da experiência de lazer nesse caso, poderá ser prejudicada, vindo daí um outro conceito denominado de "nível de satisfação mínima aceitável" no qual as expectativas com os resultados das experiências tendem a ser gradativamente reduzidas.

Como o próprio Linder descreve, o aumento progressivo do modelo "produção-consumo" não permite espaço para a criação

expressiva, principalmente quando o tempo é visto como uma mercadoria. Infelizmente, essa situação é mais sentida em determinados segmentos da sociedade - via de regra, economicamente desenvolvidos - onde aspectos fundamentais da ética humana não são observados. Exemplo disso é o tratamento dispensado no cuidado com as crianças e idosos. De fato, a "utilidade" de suas existências é de difícil justificativa nessas sociedades. Outras necessidades básicas como alimentação, repouso e até o ato de amar seguem o mesmo caminho, pois perderam o prazer intrínseco devido ao tempo que exigem...

Ao finalizar, fica bastante claro que uma sociedade, sob a ética do lazer, pelo menos no seu sentido clássico-idealista, parece ainda ser um sonho a tornar-se realidade. Vale, no entanto, repensar esses conceitos, à luz do contexto atual do mundo contemporâneo, para se estabelecer um ajuste possível. Goodale (1980) sugere a observância de, pelo menos, quatro componentes dentre aqueles que direta ou indiretamente são responsáveis pela prestação de serviços nesse setor, na tentativa de se preservar a liberdade daqueles que se propõem a vivenciar uma experiência de lazer:

1. recapturar os valores intrínsecos do ser humano, tratando-o como pessoa e não como objeto;
2. exercitar a virtude em todos os momentos de nossa vida;
3. reintegrar todos os aspectos de nossa vida em um sistema variado porém representado por um todo, e
4. resgatar o verdadeiro significado de nossas ações.

Tão somente assim poderemos trilhar em direção a uma sociedade que valorize o verdadeiro lazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. CHUBB, Michael and CHUBB, Holly R. One Third of Our Time. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1981. 742 p.
02. DE GRAZIA, Sebastian. Of Time, Work and Leisure. New York: The Twentieth Century Fund., Inc., 1962. 548 p.
03. GÄLZER, Lene. Lazer, Benção ou Maldição. Porto Alegre: Editora Sulina, 1979. 191 p.

04. GOBBEY, Geoffrey. Recreation, Park and Leisure Services: Foundations Organization, Administration. Philadelphia: W.B. Saunders Co., 1978. 364 p.
05. GOODALE, Thomas L. and WITT, Perter A. (Editors). Recreation and Leisure: Issues in An Era of Change. State College: Venture Publishing, 1985 (Edição revisada). 423 p.
06. HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. 243 p.
07. LINDER, Staffan B. The Harried Leisure Class. New York: Columbia University Press, 1970. 182 p.
08. MARINHO, Inezil P. Educação Física, Recreação e Jogos. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1971. 455p.
09. PIEPER, Josef. Leisure, The Basis of Culture. New York: American Library, Inc., 1963. 127 p.
10. SESSONS, Douglas. Leisure Services. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc., 1984 (6ª Edição) 384 p.

ENDEREÇO DO AUTOR * AUTHOR ADDRESS

Antonio Carlos Bramante
Faculdade de Educação Física
Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 6134
13.081 - Campinas / SP.

